

A mulher e o jornalismo no Instituto Patrícia Galvão: propostas de Jacira Vieira de Melo

Luciano Victor Barros Maluly¹

Anna Flavia Feldmann²

Resumo

Este artigo descreve o trabalho do *Instituto Patrícia Galvão* pela análise do perfil de Jacira Vieira de Melo, uma das suas idealizadoras. Nesta pesquisa, o método da História Oral foi adaptado e aplicado ao campo do jornalismo, com o objetivo de conhecer a proposta da entrevistada (e do instituto) sobre o mercado profissional, a formação acadêmica e a atuação jornalística diante das questões que envolvem os estudos de gênero do Brasil, especialmente os relacionados à mulher. Esta pesquisa revela que a pauta sobre *feminicídio* é o ponto que merece destaque dentre as respostas analisadas.

Palavras-chave: *Instituto Patrícia Galvão*. Jornalismo. História Oral.

Woman and Journalism at the Patrícia Galvão Institute: proposals by Jacira Vieira de Melo

Abstract

This article describes the work of the *Patricia Galvão Institute* through the profile analyzes of Jacira Vieira de Melo one of its creators. In this research, the Oral History method was adapted and applied to the field of journalism, in order to know the interviewee's (and also the institute's) proposal about the professional market, the academic education and the journalistic performance in relation to the issues involving the gender studies in Brazil, especially those related to women. This research reveals that the agenda *femicide* is the point that deserves highlighting among the answers analyzed.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação e professor do curso de jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, ambos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: lumaluly@usp.br.

² Professora do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: annafeldmann@yahoo.com.br.

Keywords: *Patricia Galvão Institute*. Journalism. Oral History.

Introdução

Este artigo analisa o trabalho do Instituto Patrícia Galvão por meio da visão da jornalista, pesquisadora e uma das idealizadoras do projeto, Jacira Vieira de Melo, sobre questões relacionadas ao jornalismo e às discussões sobre gênero, com ênfase nas mulheres. Para isso, foi necessário adaptar e aplicar o método da História Oral à pesquisa em Ciências da Comunicação.

Com base nos estudos de José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda (2007), tal metodologia foi utilizada para a construção das etapas da pesquisa, desde a escolha da colaboradora, passando pela montagem do roteiro até chegar à análise da entrevista. Nesta perspectiva, as obras de Cremilda Celeste de Araújo Medina (1986), Nílson Lage (2001) e Reginaldo Moreira (2014) foram fundamentais para compreender a aproximação entre a história oral e o jornalismo.

Meihy e Holanda (2007) acreditam que o método da História Oral é uma alternativa para estudar a sociedade por intermédio de documentação realizada por meio da utilização de gravações. “A história oral é um processo sistêmico de uso de entrevistas gravadas, vertidas do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso das entrevistas”. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.19)

Os autores elencam as prioridades para o projeto de entrevistas: planejamento da condução das gravações, definição de locais, tempo de duração, demais fatores ambientais, transcrição e estabelecimento de textos, conferência do produto escrito, autorização para uso, arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados para o grupo que gerou as entrevistas – fator também indicado como devolução social. “É relevante lembrar que só faz sentido discutir o documento em história oral se for considerada sua utilidade pública”. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.30)

Dos três gêneros distintos que existem no método da História Oral (História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral) escolheu-se a categoria História Oral Temática como mecanismo de análise interpretativa do objeto de estudo apresentado neste artigo. Entende-se que tal escolha se deve às análises fenomenológicas que tal procedimento metodológico carrega em si:

A História Oral Temática é a solução que mais se aproxima das expectativas acadêmicas que confundem história oral com documentação convencional. Aliás, o caráter documental decorrente das entrevistas é o cerne desse ramo. Também é mais considerado por jornalistas e demais pessoas que se valem de entrevistas como forma dialógica de promover discussões em torno de assunto específico. (MEIHY; HOLANDA, 2007 (2014), p.38)

A entrevista realizada para o artigo objetivou a análise descritiva de percepções, atitudes e representações sociais acerca do projeto objeto de análise e da personalidade que é referência quando se abordam as temáticas Mulher e Mídia. Entrevistou-se a jornalista e especialista em questões de gênero, Jacira Vieira de Melo, uma das responsáveis pelo *Instituto Patrícia Galvão*, para traçar intermediações com o mercado profissional, a formação acadêmica e a atuação na mídia.

Como justificativa sobre as escolhas que se relacionam com a metodologia adotada, cita-se o caráter social como um dos principais argumentos. Por trabalhar com narrativas, debates e reivindicações sociais, a História Oral também se adapta perfeitamente ao campo das ações afirmativas³.

Em tempos de 'políticas afirmativas' e de inclusão social, por certo, a história oral independente teria um papel importante como formuladora de postulados ágeis para gerar argumentos que instruem políticas públicas capazes de mudar o *status quo* histórico. (MEIHY; HOLANDA, 2007 (2014), p. 78).

Optou-se por realizar a entrevista e classificar a fonte como colaboradora a fim de demonstrar horizontalidade na relação estabelecida. Meihy e Holanda (2007) são enfáticos ao descreverem a confusão que existe entre as palavras entrevista e depoimento. Para os autores um depoimento é peça de um inquérito policial. A entrevista, porém, é um ato de colaboração e "apenas se justifica como tal em processos democráticos" (MEIHY; Holanda, (2007) 2014, p. 123). E acrescentam que:

³ Compreende-se por ações afirmativas as "políticas focais que alocam recursos em benefício de pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão sócio-econômica no passado ou no presente. (...) medidas que têm como objetivo combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero ou de casta, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, redes de proteção social e/ou no reconhecimento cultural". (GEMAA, 2017)

Colaborador e colaboração não equivalem a informante e informação. Para a história oral, o resultado da colaboração e o sentido do colaborador em um projeto não se restringem às referências exatas de datas e fatos. Colaboradores são seres que ao narrar modulam expressões e subjetividades e a transparência disso é relevante aos exames decorrentes do texto estabelecido em análise com os demais. (MEIHY; HOLANDA, (2007), 2014, p.123)

Lage (2001) descreve a técnica da notícia jornalística como um dos raros exemplos de texto desenvolvido fora da tradição da literatura. Adotou-se a proposta do livro do autor *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* (2001), optando-se pela entrevista temática, categoria que aborda temas de conhecimento pleno da entrevistada. A circunstância de realização da entrevista foi dialogal pela qual “entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a estes tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados” (LAGE, 2001, p. 77).

Já a obra *Entrevista: o diálogo possível* (1986) de Cremilda Celeste de Araújo Medina soma-se às referências utilizadas, especialmente quando a autora reflete sobre as narrativas científicas. “O homem contemporâneo está sob permanente estimulação-mosaico e pensar linearmente é uma prática que quase se isola no mundo letrado e na disciplina científica” (MEDINA, 1986, p.66). No *mosaico* de palavras desenvolvidas durante a entrevista pretendeu-se, assim como propõe a autora, fugir do óbvio e interpretar aquele momento para além do esperado e do relatado. O diálogo com a colaboradora permitiu averiguar a lógica de quem *vivencia* um projeto sobre gênero e jornalismo que, possivelmente, está na contramão do mercado convencional da mídia.

Por fim, Moreira (2014), no livro *A comunicação como dispositivo terapeutizante: mais mediação, menos medicação*, apresenta outro conceito metodológico demonstrado neste artigo: a incorporação de *casos-guia* no jornalismo. Tais recortes são estudos esmiuçados que permitem implicações analíticas além da linearidade. Conforme menciona o pesquisador, é necessário um circuito que desenvolva uma trajetória de pesquisa, assim como aplicou em seu estudo, fruto da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, em 2011:

Esse percurso será composto por acontecimentos que impliquem novos dispositivos, que, por sua vez, abrirão novos sentidos, novos eixos e novas conexões, na cartografia a ser realizada, emprestando o olhar do

pesquisador sobre a vida de nossa depoente colaboradora, aqui chamada caso-guia. (MOREIRA, 2014, p.33)

Por meio da metodologia aplicada os acontecimentos da trajetória examinada foram acumulados em eixos-temáticos, de acordo com o que o pesquisador denominou de dispositivos relevantes extraídos das narrativas provenientes das fontes. “A cada eixo temático o pesquisador realizará um aprofundamento em determinado aspecto daquela trajetória, voltando, em seguida, para superfície do mapeamento, em que a produção de vida acontece”. (MOREIRA, 2014, p. 36)

Em decorrência da costura multifacetada de diálogos entre distintos pesquisadores e a entrevistada, e com escutas aprofundadas e análises minuciosas sobre o caráter público dos temas Mulher e Jornalismo, espera-se desmembrar os caminhos descritivos da metodologia utilizada no artigo. Buscam-se métodos de produção e de reflexão do conhecimento que possibilitem abrir a discussão para a esfera política, sistematizando a coleta das informações, interpretando o material e, conseqüentemente, publicando as análises com a finalidade de oferecer devolutivas sociais às mulheres, aos jornalistas e ao público em geral.

Etapas de construção e de produção da entrevista

A etapa inicial foi definida pela escolha do projeto de jornalismo e gênero a ser analisado, cujo teor deve ser socialmente relevante e inovador no cenário nacional. Foram levantados projetos que envolvam o processo jornalístico e vislumbrem trabalhar com características processuais do campo como uma totalidade, como pauta, fontes e mensagem. De maneira geral procurou-se elencar idealizações que possuam como meta a democratização do universo feminino no jornalismo brasileiro.

Definido o projeto analisado da pesquisa, o *Instituto Patrícia Galvão*, optou-se pela escolha da entrevistada Jacira Vieira de Melo cuja aderência a esta pesquisa é justificada pelo perfil ou caso-guia impreterivelmente conectado às áreas de jornalismo e de gênero. Foram consideradas neste processo características multifacetadas e conhecimento acumulado como a experiência, a influência e o acesso à informações nas áreas de análise em estudo da investigação.

Após a seleção do projeto a ser analisado, entrou-se em contato com a colaboradora para o convite à entrevista e, após o aceite, houve a definição de data para a gravação. A

gravação ocorreu no dia 07 de março de 2017 no Laboratório de Radiojornalismo João Walter Sampaio Smolka no Departamento da Escola de Comunicações e Artes da USP, em São Paulo.

A colaboradora

Conforme adiantamos, a colaboradora escolhida é Jacira Vieira de Melo, graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo, com mestrado na área de Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Jacira é associada fundadora e diretora executiva do *Instituto Patrícia Galvão*, organização sem fins lucrativos criada em 2001. Sua carreira profissional é marcada pelo ativismo político exercido desde o final da década de 1970, com foco na comunicação social e na perspectiva de gênero.

Jacira Melo é coordenadora e autora de diversos conteúdos multimídia sobre o direito das mulheres com abordagens como a divisão sexual do trabalho, o planejamento familiar, os direitos reprodutivos, a violência contra as mulheres, as mulheres em espaço de poder e decisão, a desigualdade racial, políticas públicas com perspectivas de gênero e raça, a representação das mulheres na mídia, entre outros. A autora também é consultora para avaliação institucional de organizações da sociedade civil no campo da Comunicação.

A pesquisadora defendeu em 1992 a sua dissertação denominada *Trabalho de formiga em terra de tamanduá: a experiência feminista com vídeo*, sob orientação da Profa. Dra. Alice Mitika Koshiyama, da USP. A pesquisa analisa produções audiovisuais com teor feminista entre os anos de 1981 a 1992 e atua sobre dois distintos prismas: elencar, sistematizar e tornar públicas as produções e videotecas específicas no assunto e, também, avaliar a produção e difusão dos centros de redes de apoio à mulher, vigentes nas últimas décadas do século passado.

No desenvolvimento da dissertação já é possível notar sua aproximação com a área da Comunicação por um olhar alternativo, tanto pela utilização do objeto de pesquisa, vídeos populares, quanto pela escolha da bibliografia utilizada à época. Alguns exemplos encontrados no primeiro capítulo da dissertação intitulado *Novas tecnologias audiovisuais: o difícil caminho da comunicação alternativa*, são as citações da pesquisadora Regina Festa (1991), na tese *TV dos trabalhadores: a leveza do alternativo*, além de referências ao texto publicado em 1983 por Fred Stangelaar, *Comunicación Alternativa y video-cassette: perspectivas en America Latina*.

A mistura das referências contemporâneas de gênero utilizadas no seu mestrado, como a historiadora francesa Michele Perrot, as sociólogas brasileiras Eleonora Menicucci Oliveira e Albertina de Oliveira Costa, aliaram-se à significativa aderência que Jacira Vieira de Melo possui no campo das entidades e organizações feministas nacionais - área na qual a filósofa nunca deixou de atuar.

A entrevistada trabalhou⁴ como coordenadora de Comunicação na Rede Nacional Feminista de Direitos Sexuais e Reprodutivos. Atuou na SOF – Sempre Viva Organização Feminista onde foi responsável pela comunicação institucional. No Conselho da Condição Feminina de São Paulo foi coordenadora de Comunicação Audiovisual. Desde os anos 2000 a colaboradora participou ativamente das conferências nacionais de políticas para as mulheres desenvolvendo atividades e conteúdos para fortalecer e contribuir com processos organizativos locais.

Jacira participou das conferências das Nações Unidas sobre a Mulher nos anos 2000, em Nova York, nos Estados Unidos, e em 1995 participou da IV Conferência Internacional de Mulheres, em Pequim, na China, como membro da delegação da sociedade civil brasileira. A carreira como documentarista é vasta e conta com mais de 25 trabalhos realizados no formato vídeo.

A produção *Contrário ao Amor*, de 1986, mostra mulheres que recorrem à Delegacia da Mulher, em São Paulo. O documentário *Beijo na Boca*, de 1987, retrata a Boca do Lixo, região localizada no bairro da Luz, na cidade de São Paulo, e aborda o universo das prostitutas. Logo após o lançamento destes documentários, Jacira Vieira de Melo recebeu os prêmios de melhor direção, pela Videobrasil, de melhor documentário, pelo Rio Cine Festival, e o prêmio Coral de Documentário, em Havana, Cuba. As produções também foram referenciadas em livro na Coletânea Aprofundamentos, de 1992, com fins didáticos e pedagógicos para utilização em sala de aula (CEDUC, 1992).

Considerando-se toda a pesquisa realizada sobre a colaboradora, destaca-se o fato de Jacira Vieira de Melo estar ligada ao projeto escolhido para análise metodológica: o *Instituto Patrícia Galvão* (IPG), que tem por objetivo produzir e publicar conteúdo multimídia sobre os direitos das mulheres brasileiras.

⁴ Dados extraídos do currículo de Jacira Vieira de Melo que foi enviado a autora deste artigo em 8 de maio de 2017.

Dois pontos foram fundamentais para a escolha do projeto: a pauta relacionada aos estudos de gênero e a referência à Pagu:

Para o Instituto, a mídia é um espaço estratégico de incidência social e política para qualificar os debates sobre políticas públicas voltadas à promoção da igualdade e equidade de gênero...

O nome do instituto, assim como da agência, é uma homenagem à jornalista, escritora, ativista política e cultural Patrícia Hedher Galvão, a Pagu (1910-1962), que acreditava que as mulheres deveriam ter um papel mais ativo na esfera pública.⁵

Memorando da entrevista

O questionário da entrevista foi adaptado com base na produção profissional da entrevistada e foram considerados igualmente relevantes aspectos acadêmicos, pessoais e intelectuais. Sendo assim, a entrevista foi dividida em quatro eixos-temáticos (blocos): *Trajatória e perfil*; *Jornalismo e gênero*; *O projeto de jornalismo e gênero do IPG no Brasil* e *Contexto e Caminhos do jornalismo e Gênero*. Cada bloco teve, em média, de duas a três perguntas cada um. O objetivo foi dinamizar a conversa, formatar no futuro uma produção possível de ser veiculada no meio de comunicação Rádio e, principalmente, deixar as perguntas mais emblemáticas para o fim, momento no qual a colaboradora esteve mais à vontade durante a gravação.

A gravação ocorreu obedecendo ao questionário pré-elaborado na descrição metodológica do artigo, todavia a entrevista foi aberta, tendo como desdobramentos outras informações não necessariamente vinculadas às perguntas da pesquisa prévia. Tópicos como a inserção da mulher nos cargos políticos nacionais, carnaval, violência doméstica, o vírus Zika, entre outros temas, são exemplos do desenvolvimento da entrevista.

Destacamos os principais pontos da conversa, com ênfase no Instituto Patrícia Galvão e na opinião da colaboradora:

Trajatória e perfil

Jacira Vieira de Melo iniciou sua narrativa descrevendo o seu primeiro contato com a USP, no curso de Filosofia. A entrevistada lembrou a aula inaugural realizada para os alunos ingressantes do curso, por meio de um seminário e cujo teor sobre racismo e gênero

⁵ Os dados completos sobre o IPG estão disponíveis no site oficial. <https://agenciapatriciagalvao.org.br/quem-somos/> Acesso em 24 de agosto de 2019.

marcou sua vida dali para diante. “Foram tantas novidades que me lembro de não conseguir dormir naquela noite” (MELO, Informação oral, 2017).

A partir da ocasião foi criado o Grupo Feminista 8 de Março, data conhecida por ser o Dia Internacional da Mulher. “Escolhemos este nome porque esta data não era muito conhecida ainda” (MELO, Informação oral, 2017). Hoje existem coletivos feministas em muitas escolas, mas quando ocorreu sua inserção na universidade não era comum. “Lembro que na época, Marilena Chauí, com então 35 anos, era uma professora muito jovem e ela achou o máximo um grupo feminista na USP”. (MELO, Informação oral, 2017)

É importante ressaltar que alguns trechos da entrevista foram melhores do que outros. O início, talvez por se tratar de um momento mais tímido de gravação, a entrevista não ficou tão solta quanto no trecho final. Ao falar da pergunta sobre os elementos incentivadores de sua carreira, a colaboradora mencionou os fatos corriqueiros e cotidianos como pontos-chave para querer uma mudança social. “Os elementos incentivadores acontecem todo dia” (MELO, Informação oral, 2017).

De acordo com a opinião da entrevistada basta olhar para as mulheres e perceber na realidade em que vivem a desigualdade de gênero. “Desde criança eu tenho uma visão crítica da mulher no mundo. Todo dia nós temos uma guerra a enfrentar” (MELO, Informação oral, 2017). Neste ponto da entrevista a colaboradora fez uma pausa para reafirmar a condição da mulher negra, como algo ainda mais difícil. Jacira continuou tratando sobre elementos incentivadores e sua posição voltou-se para a criação de projeto civilizatório no qual raça, gênero e classe social não devem ser conceitos para discriminação.

A entrevistada mencionou um artigo que escreveu durante o carnaval do ano de 2017 e que tratava da desigualdade de gênero na política. No artigo, Melo discorreu especificamente sobre a eleição do ano anterior, quando dez capitais do país avançaram com a eleição de mulheres para as Câmaras Municipais, mas outras 13 retrocederam. Jacira Vieira de Melo enxerga um avanço na cobertura da mídia em torno desta pauta, mas acredita que há uma estagnação muito grande referente a algumas pautas femininas como, por exemplo, a violência doméstica. A filósofa, porém, mencionou que quando a abordagem versa especificamente sobre política, constata-se que houve uma melhora nos textos, tanto do ponto de vista qualitativo como quantitativo.

Apesar da pauta da entrevista ter sido prolongada, os pontos acima citados pela colaboradora, especialmente sobre racismo e desigualdade de gênero, se encaixam como exemplos de luta e, por isso, elementos incentivadores de sua trajetória profissional.

Jornalismo e gênero

Ao ser perguntada sobre as características dos textos publicados no universo da mulher e da mídia, com ênfase no jornalismo brasileiro, ela afirmou que, para se analisar este campo, é necessário olhar por temas. No caso de coberturas sobre política, entende que há observação e contextualização do assunto, mas quando o tema é a violência doméstica há, ainda, uma busca incessante por pautas com abordagens sobre a vida da mulher que sofreu a agressão; procura-se justificar o ato e, em suas palavras, “quem justifica concede” (MELO, 2017, Informação oral).

Ao responder a questão sobre a principal mensagem transmitida pelo jornalismo sobre as questões de gênero, a entrevistada reafirmou que a pauta mais publicada é a que trata da violência doméstica e classificou o jornalismo em duas grandes categorias: a primeira se refere aquele que produz notícias e a segunda engloba o tipo de jornalismo que apenas repassa e reproduz textos produzidos por terceiros. Em suas palavras, no jornalismo local, produzido em cidades de pequeno e de médio porte, ainda há manchetes muito preconceituosas com relação à mulher, textos que são de difícil leitura e que não representam a contemporaneidade, mas épocas passadas.

Para a entrevistada o “jornalismo é um espaço de discussão e crítica em um ambiente democrático” (MELO, 2017, Informação oral). A filósofa crê que para se avançar na cobertura midiática, é preciso que as escolas e as universidades promovam este debate. “Os alunos e alunas precisam ter a dimensão das desigualdades e das diversidades, precisam de uma formação no campo dos direitos humanos” (MELO, 2017, Informação oral).

Ao revelar que, que tais temas necessitam urgentemente estar na grade curricular dos cursos, assim como no cotidiano dos jornais, observa-se uma preocupação da entrevista com a democracia e, por conseguinte, com a qualidade das coberturas relacionadas à mulher, especialmente as pautas sobre violência doméstica.

O projeto de jornalismo e gênero do IPG no Brasil

Ao comentar sobre o *Instituto Patrícia Galvão* a especialista contou que foi uma criação de 29 mulheres e ocorreu no ano de 2001. A principal intenção era fornecer dados à mídia sobre a discriminação contra as mulheres. O IPG foi a primeira organização de mulheres no Brasil a trabalhar todos os anos encomendando pesquisas de percepção. “A nossa primeira pesquisa de percepção foi sobre a incidência do HIV nas mulheres” (MELO, 2017, Informação oral). De acordo com Jacira Melo quem não trabalha com pesquisa nem imagina, mas a sociedade está anos-luz na frente das instituições em termos de criticidade. “Foi uma pesquisa com apoio da ONU Mulheres e naquela época foi incrível diagnosticar que as mulheres estavam extremamente à frente do que se imaginava com relação ao uso da camisinha” (MELO, 2017, Informação oral).

A colaboradora explicou, por meio de exemplos práticos e didáticos, o projeto que coordena:

Então, o que faz o IPG? Nós utilizamos conteúdo de pesquisa, deixamos seu teor muito bem explicado e pronto para divulgação para todas as redações do Brasil. Utilizamos também muitas fontes de todas as áreas: médicos, sociólogos e profissionais da saúde, mas é pré-requisito que as fontes tenham visão de gênero” (MELO, 2017, Informação oral).

A missão do IPG é divulgar tais pesquisas para todos os jornalistas por meio de conteúdo, de pautas, de gráficos etc. “Fazemos isso porque o jornal é lido pelas pessoas que estão em local de poder neste país. Mesmo quem não o acessa se informa pelas rádios, que sempre leem o jornal e nos contam a notícia”. (MELO, 2017, Informação oral)

Ao abordar a incidência do vírus Zika entre os anos de 2015 e 2016, Jacira contou que o IPG recebeu uma verba emergencial da Fundação Ford:

A partir deste momento batemos na porta dos centros de pesquisa para solicitar apoio e sempre conseguimos dos institutos uma parceria. Inclusive, designadamente neste caso, o site Babycenter, que possui mais de 5 milhões de usuárias, nos ajudou com a divulgação de um questionário. Ao final nossos textos sobre o vírus Zika foram muito divulgados pela imprensa no Brasil, mas muito mais pela imprensa internacional. (MELO, 2017, Informação oral).

Um dos pontos mais interessantes da entrevista foi a explicação de Jacira Vieira de Melo sobre a atuação e o cotidiano da *Agência Patrícia Galvão*. Algumas novidades no projeto por ela idealizado e administrado são as pesquisas de opinião aliadas ao

monitoramento que realizam da mídia sobre os principais assuntos de interesse da mulher. As parcerias nacionais e internacionais que viabilizam também são significativas para entender e garantir a sustentabilidade da agência.

Quando se abordou sobre a internacionalização das questões mulher e mídia, a especialista mencionou que o tema feminismo nos Estados Unidos possui uma cobertura muito mais pulverizada e analítica na mídia e uma cobrança permanente por aprofundamento vinda das jornalistas estadunidenses. Outro exemplo é o caso da Argentina, país onde a área do Direito, especificamente a Defensoria e a Promotoria públicas, na área de gênero, estão avançando e existe um campo de atuação em torno da violência midiática.

Para explicar o que é violência midiática a filósofa recorreu novamente ao caso da cobertura brasileira sobre o vírus Zika (nos anos de 2015 e 2016), momento em que a mídia nacional realizou uma cobertura não “totalmente” realista, relatando casos de bebês e de pessoas que conviviam com a microcefalia. Na opinião da especialista isso é consequência do debate sobre o aborto⁶.

O jornalismo nacional não foi capaz de fazer uma discussão séria sobre o que é a microcefalia. Nós fomos atrás das especialistas desta área e escutamos o que estas profissionais tinham a nos dizer – com a microcefalia congênita estes bebês teriam consequências muito mais graves do que se divulgava. (MELO, Informação oral, 2017)

Jacira Vieira de Melo explicou que no cotidiano do IPG a primeira jornalista a chegar realiza o *clipping*⁷ e depois são realizadas as ações de *network*.

Nós trabalhamos com palavras-chave. A busca se restringe a jornais e sites noticiosos. Em seguida, participamos de reuniões e trocamos informações com a Organização das Nações Unidas, com a ONU Mulheres, a OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde, entre outras. Destas observações o que nos guia muito é entender o que é notícia e o que não é. Escolhido o tema, nós monitoramos a mídia. (MELO, Informação oral, 2017)

⁶ É comum, mesmo nas narrativas dos veículos de comunicação, se empregar o termo “aborto” de forma generalista. O termo “abortamento” se refere ao processo realizado e o termo “aborto” está vinculado ao produto eliminado, no caso, o feto.

⁷ No jargão jornalístico significa o trabalho de monitoramento da mídia em torno de determinado (os) tema (as) para se saber o que foi divulgado naquele dia.

Ao ser questionada sobre os custos do instituto, a colaboradora fez uma pausa em sua fala e, enfaticamente comentou sobre dificuldades: “a sustentabilidade do Patrícia Galvão é muito difícil. Antes também tínhamos o apoio da Secretaria de Política para as Mulheres” (MELO, Informação oral, 2017).

Logo, a busca por um jornalismo aprofundado, acessível e sustentável é uma preocupação de Jacira Vieira de Melo, que busca novas soluções para o trabalho do Instituto Patrícia Galvão.

Contexto e caminhos do jornalismo e gênero

Em suas palavras finais, ao comentar a respeito do feminicídio, a especialista mencionou que a cobertura jornalística está sofrendo mudanças, automaticamente os homens não vão se sentir autorizados a matar. “Nós precisamos que bons textos cheguem aos operadores de justiça nacional, homens e mulheres com cargos públicos de influência e, para isso, precisamos trabalhar o debate público via mídia”. (MELO, Informação oral, 2017)

Quando indagada se a *Agência Patrícia Galvão* é uma ação afirmativa, Jacira Melo confirmou. “Você faz uma ação afirmativa para contribuir com a sociedade, para que exista, acima de tudo, respeito mútuo e o direito das mulheres e dos homens de se realizarem. É isso que propomos”. (MELO, Informação oral, 2017)

Depois de uma hora de conversa e análises sobre os temas, chegou ao fim a entrevista e, ao ser questionada sobre algo que gostaria de mencionar livremente, Jacira Vieira de Melo gentilmente agradeceu o momento:

É uma emoção muito especial voltar ao local onde realizei meu mestrado e aprendi muito. É muito especial porque eu acredito que mestres podem contribuir com uma mudança profunda na sociedade, principalmente com relação aos jovens – a juventude faz a História”. (MELO, Informação oral, 2017)

A preocupação com a violência doméstica e a igualdade de gênero é uma preocupação de Jacira Vieira de Melo, que observa mudanças na cobertura jornalística sobre feminicídio.

Resultados

O diálogo provocado por esta entrevista e pela análise da iniciativa da *Agência Patrícia Galvão* demonstra que no plano de atuação de gênero e de jornalismo os objetivos profissionais não se separam de metas e de visões pessoais sobre o mundo. E, nesta junção de áreas temáticas, cabe ressaltar perfis de pessoas que desenvolvam completa integração entre espaço público e formação humanista, enxergando na democratização do jornalismo um caminho para a solução dos entraves sociais de muitas mulheres. Sendo assim, destacamos alguns pontos da entrevista com Jacira Vieira de Melo, que servem como pontos para futuras discussões sobre Jornalismo e Gênero:

Quadro de análise - Instituto Patrícia Galvão - entrevista com Jacira V. Melo

Trajetória profissional e pessoal	Os elementos incentivadores acontecem todo dia. Desde criança eu tenho uma visão crítica da mulher no mundo. Todo dia nós temos uma guerra a enfrentar.
Jornalismo	O jornalismo é um espaço de discussão e crítica em um ambiente democrático. O jornalismo tem duas grandes categorias. A primeira se refere aquele que produz notícias e, a segunda, ao tipo de jornalismo que apenas repassa e reproduz textos produzidos por terceiros.
Jornalismo e Mulher	A pauta mais publicada é sobre a violência doméstica. No caso de coberturas sobre política, entende-se que há observação e contextualização do assunto, mas quando o assunto é a violência doméstica há ainda uma busca incessante por pautas sobre a vida da mulher que sofreu a agressão.
Formação em Jornalismo	Os alunos e alunas precisam ter a dimensão das desigualdades e das diversidades, precisam de uma formação no campo dos direitos humanos. Estes temas necessitam urgentemente estar na grade curricular dos cursos.
O Projeto	O instituto foi a primeira organização de mulheres no Brasil a trabalhar todos os anos encomendando pesquisas de percepção.
A Pesquisa	Quem não trabalha com pesquisa (de percepção) nem imagina, mas a sociedade está anos-luz na frente das instituições em termos de criticidade. A nossa primeira pesquisa de percepção foi sobre a incidência do HIV sobre as mulheres.
Atuação do Projeto	Então, o que faz o IPG? Nós utilizamos conteúdo de pesquisa, deixamos seu teor muito bem explicado e pronto para divulgação para todas as redações do Brasil. Utilizamos também muitas fontes de todas as áreas, médicos, sociólogos e profissionais da saúde, mas é pré-requisito que as fontes tenham visão de gênero.
Necessidade e visão	Fazemos isso porque o jornal é lido pelas pessoas que estão em local de poder neste país. Mesmo quem não o acessa, se informa pelas rádios, que sempre leem o jornal e nos contam a notícia.

Parcerias	As parcerias nacionais e internacionais que viabilizam, também são significativas para entender e garantir a sustentabilidade da agência como um todo.
Internacionalização	O feminismo nos Estados Unidos possui uma cobertura muito mais pulverizada e analítica na mídia e uma cobrança permanente por aprofundamento vinda das jornalistas estadunidenses. Argentina é o país onde a área do Direito, especificamente a Defensoria e a Promotoria públicas na área de gênero, estão avançando e na qual existe o campo de atuação da violência midiática.
Cotidiano do Projeto	No cotidiano do IPG a primeira jornalista a chegar realiza o <i>clipping</i> e depois são realizadas ações de <i>network</i> . Nós trabalhamos com palavras-chave. A busca se restringe a jornais e sites noticiosos. Em seguida, participamos de reuniões e trocamos informações com a Organização das Nações Unidas, com a ONU Mulheres, OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde, entre outras. Destas observações o que nos guia muito é entender o que é notícia e o que não é. Escolhido o tema, nós monitoramos a mídia.
Sustentabilidade do Projeto	A sustentabilidade do Patrícia Galvão é muito difícil. Antes também tínhamos o apoio da Secretaria de Política para as Mulheres.
Apelo ao Poder Público	Nós precisamos que bons textos cheguem aos operadores de justiça nacional, homens e mulheres com cargos públicos de influência e, para isso, precisamos trabalhar o debate público na mídia.
Ação Afirmativa	Você faz uma ação afirmativa para contribuir com a sociedade, para que exista, acima de tudo, respeito mútuo e o direito das mulheres e dos homens de se realizarem. É isso que propomos.

Dos Autores (2017)

Além das frases acima mencionadas como questões de referência no diálogo estabelecido com a entrevistada, é importante apontar os pontos-chave mais inovadores que o projeto apresentou. Elenca-se, a partir do *Instituto Patrícia Galvão*, quais são as estratégias que diferenciam sua atuação dentro do campo jornalístico, servindo de exemplo para outras iniciativas: a *realização de pesquisas de opinião com mulheres*, que busca compreender a visão feminina sobre os problemas sociais em si como nos casos sobre os vírus Zica e HIV; o *monitoramento da mídia*, que é uma tática para compreender quais são os assuntos em destaque ou ocultos no cenário midiático nacional. E diante dos assuntos divulgados, monitora-se também a frequência e de que forma é realizada a publicação e a *produção destinada ao poder público*, que é a circulação textual de qualidade para atingir operadores de justiça nacional, homens e mulheres com cargos públicos de influência.

Considerações finais

O jornalismo pós-industrial contemporâneo passa por um momento de crise e de reformulação. Existem novas propostas sobre o que será o exercício da profissão em um mundo interconectado no qual o antigo sistema está em constante mudança. O pouco espaço para a atuação de profissionais nas redações convencionais e nos veículos de comunicação mais importantes do mercado abre passagem para se apostar no caminho não linear jornalístico divulgado pelas práticas alternativas.

As mudanças curriculares ocorridas nos cursos de graduação e também nos de pós-graduação demonstram a urgência de investimentos em projetos empreendedores de pequeno porte – como a *Agência Patrícia Galvão* –, com propostas autônomas e que se diferenciam do modelo macro de produção da comunicação.

É imprescindível trabalhar com alunos e jornalistas novas maneiras de atuação e apostar em projetos que possam oferecer, além de emprego e rentabilidade em época de crise, uma opção de atuação mais ética no jornalismo e com finalidades de promoção social.

Um dos traços da cultura moderna é a proliferação de informação, o excesso de produção de textos e o consumo de narrativas em tempo integral. A informação enquanto mercadoria é extremamente difundida e valiosa na rotina humana. Na contemporaneidade a informação se tornou tão numerosa que é imprescindível selecioná-la melhor. Tocar um projeto intelectual e jornalístico é o grande desafio. Maior do que a competição pela sobrevivência é colocar em pauta o que a sociedade ignora como notícia importante.

Portanto, esta pesquisa demonstra que a visão de Jacira Vieira de Melo condiciona o jornalismo como um espaço de discussão dentro de um ambiente democrático. Sendo assim, as pautas relacionadas aos direitos humanos, especialmente sobre feminicídio, merecem ser contextualizadas. O Instituto Patrícia Galvão procura, assim, realizar um trabalho jornalístico aprofundado, sustentável e acessível.

Referências

CEDUC - FUNDAÇÃO para o Desenvolvimento da Educação. Centro de Documentação e Informação para a Educação. **Coleção Apontamentos**. Número 246. Beijo na Boca. São Paulo: CEDUC, 1992.

CEDUC - FUNDAÇÃO para o Desenvolvimento da Educação. Centro de Documentação e Informação para a Educação. Número 248. **Coleção Apontamentos**. Contrário ao amor. São Paulo: CEDUC, 1992.

REVISTA PAUTA GERAL**ESTUDOS EM JORNALISMO**

10.5212/RevistaPautaGera1.v.6.i2.0008

FESTA, Regina. **TV dos trabalhadores**: a leveza do alternativo. 1991. 164 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo. 1991. Disponível em: <http://dedalus.usp.br/F/ELJ4L8TLDTENCCXA354M55Y5GI72XQA68TRRM2EQFVD5TIEBQI-61515?func=direct&doc_number=000734028&pds_handle=GUEST>. Acesso em: 20 fev. 2017.

IPG, Instituto Patrícia Galvão, 2017. Disponível em: <<http://agenciapatriciagalvao.org.br/>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Jacira Viera. **Trabalho de formiga em terra de tamanduá**: a experiência feminista com vídeo. 1993. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo. 1993.

MELO, Jacira Viera. Entrevista concedida a Anna Flávia Feldmann e Luciano Victor Barros Maluly. **Laboratório de Radiojornalismo João Walter Sampaio Smolka do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**. São Paulo, 07 de março de 2017.

MOREIRA, Reginaldo. **A comunicação como dispositivo terapeutizante**: mais mediação, menos medicação. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2014.

MOREIRA, Reginaldo. **Projeto Maluco Beleza**: A comunicação como dispositivo terapeutizante de (re) significação de sentido de vida, no contexto da reforma psiquiátrica. Tese de Doutorado. Orientação: Alice Mitika Koshiyama. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2011.

STANGELAAR, Fred. Comunicación Alternativa y video-cassette: perspectivas y em America Latina. p-58-69. In MATTA, Fernando Reyes (org.). **Comunicación Alternativa y Busquedos Democraticos**. México: ILET-FES, 1983. Disponível em: <http://gumilla.org/biblioteca/bases/biblo/texto/COM198549-50_58-69.pdf>. Acesso em: 29 maio 2017.

Recebido em: 03/09/2019

Aprovado em: 30/10/2019